

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

NAWAKI IKPENG

PANAT: CULTURA MATERIAL IKPENG

**Barra do Bugres
2016**

NAWAKI IKPENG

PANAT: CULTURA MATERIAL IKPENG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini.

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

126p IKPENG, Nawaki.

Panat: cultura material *Ikpeng* / Nawaki Ikpeng. – Barra do Bugres, 2016.
29 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação
Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena,
Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
Orientador: Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini.

1. Práticas Culturais *Ikpeng*. 2. Escola Indígena. 3. Confecção do *Panat*. I.
Travessini, N. P., Dr. II. Título. III. Título: cultura material *Ikpeng*.

CDU 572.9-055.2(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

NAWAKI IKPENG

PANAT: CULTURA MATERIAL IKPENG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 17 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor orientador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora Avaliadora

Prof. Me. Isaias Munis Batista
Professora Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à comunidade Ikpeng da aldeia *Rawo*, essa fonte de conhecimento e aprendizagem, para a nossa própria vida. Para os meus familiares, esposa, mãe, pai, filhos, filhas, irmãos, irmãs, tios, tias. Às lideranças Ikpeng, por acreditarem que o resultado do trabalho vai valer para minha comunidade na organização social e política. Dedico o trabalho para órgão federal FUNAI (Fundação Nacional do Índio), por ter apoiado pelo deslocamento da aldeia para estudo das etapas presenciais. À UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, por nos acolher em seus “bancos escolares” para essa longa jornada de estudos, que ora se finda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a comunidade Ikpeng da aldeia *Rawo*, pela confiança em mim depositada.

Agradeço também aos meus familiares, que tiveram muita paciência e me incentivaram, dando-me força durante a minha formação.

Agradeço a minha avó, Ayre Ikpeng, e meu tio, Oiope Ikpeng, particularmente por ter me apoiado durante minha pesquisa.

Agradeço à Fundação Nacional do Índio – FUNAI, pelo apoio no que se refere ao deslocamento da aldeia para cumprir com os estudos, tanto nas etapas presenciais quanto das intermediárias.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio no que se refere à produção do livro e pela concessão da bolsa PIBID.

Agradeço aos meus colegas, membros colegiados, por nos representarem mediante os órgãos internos da UNEMAT.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe analisar a questão da valorização das práticas culturais tradicionais milenares do povo *Ikpeng* frente as incursões cada vez mais latentes promovidas pela sociedade do entorno. Avaliamos que o aprendizado escolar não pode se prestar ao papel de enfraquecer a modalidade de saber cotidiano verificado no âmbito da comunidade *Ikpeng*. Mediante o exposto, o objetivo geral consiste em fortalecer a prática cultural impressa na arte de produção do artesanato do povo *Ikpeng*, especificamente a arte de produção do *Panat*. Como objetivos específicos foram estabelecidos a) a valorização das práticas culturais tradicionais *Ikpeng* como uma prática pedagógica; b) promover a compreensão dos conhecimentos tradicionais envolvidos na arte de produção do *Panat*. Atualmente os jovens não se preocupam com e sobre o que temos da nossa arte. Por esta razão as comunidades me incentivaram a elaborar o trabalho. O trabalho vai ser arquivado e conservado na Escola Municipal Indígena *Ayre*. Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, foram feitas análises referendadas no conhecimento acumulado dos anciãos *Ikpeng*, que se revelaram de extrema valia no processo de elaboração da pesquisa. Foi realizada uma oficina com os alunos da Escola Indígena Municipal *Ayre* para que os anciões lhes transmitissem os ensinamentos a respeito da confecção do *Panat*. E sempre que isso se revelou necessário tais análises foram cotejadas com a concepção de renomados estudiosos da questão indígena, tais como Baniwa (2006) e Magalhães (2011). Os resultados obtidos irão servir de referência para pesquisas no âmbito das escolas *Ikpeng* com vistas a fortalecer nas futuras gerações o sentimento de pertencimento à tradição sociocultural *Ikpeng* e de valorização de suas práticas tradicionais milenares, particularmente a confecção do *Panat*.

Palavras-chave: Práticas culturais *Ikpeng*. Escola indígena. Confecção do *Panat*.

RESUMO EM LÍNGUA MATERNA

İMTAN EWİNPİN

Nelogon korempanponpın torong man etxi escola waram kınpımne, kalongmo enegetkerem ketit. Tximna amnumet man ilon man tınampli igemni igip Tximna tınampli wok , erangron nole neyam tximna nampli . Tupi nampli karake tximna nampli karake man neyam tximna ina, mane neyam namplıngo karake ne. Erangron nole man neyam tximna nampli, imenelogon tupi nampli gene tximna tegetkenang man tapone keralİp tınampli ketpotke yenparelan, İworİp nole yenenpotke tximna orenpangetkewa tınapli warakonole itowoge. Mantan nelogon ke tanok man etxan imenelogon orempagetketpot. Akeren ilon orenpangetkerın kalongmo ige ta nok, manole man etxi kalongmo orenpangetpotpe. ketpotke yenpanan man nelogon, igip nen manole ket .Akerek ilon etxi kalongmo nen patatketpın manole man tximna eroket İgenan man, Karake nen morepagetketpot neyam logon pok.

Palavras-chave: *Ikpeng orempanpot İwarakonole. Akerek nen tximna. Amketpotİ Panat.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - HISTÓRIA DO POVO IKPENG	11
1.1 Mito de origem do povo <i>Ikpeng</i>	11
1.2 História do povo <i>Ikpeng</i> : trajetória marcada por constantes lutas	13
1.3 Estrutura social <i>Ikpeng</i>	17
CAPITULO II - OS IKPENG E A EDUCAÇÃO	19
2.1 Presença da escola na aldeia <i>Rawo</i> : qual educação é desejada pelos <i>Ikpeng</i> ?..	19
2.2 O que queremos da Escola	19
CAPÍTULO III - ARTE DE TRANSFORMAR PANAT EM PATXI	22
3.1 Origem do <i>Panat</i>	22
3.2 Descrição do Tucum <i>Panat</i>	23
3.3 Como fazer a coleta do <i>Panat</i>	23
3.4 Preparação da rede de pesca <i>Patxi</i>	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	27
CONSULTORES NATIVOS.....	27

INTRODUÇÃO

Os *Ikpeng* atualmente vivem no Parque Indígena do Xingu, que por sua vez encontra-se a Noroeste de Mato Grosso, na divisa com o Estado do Pará. A extensão do Parque é de 2.800.000 ha. Essa região abriga 13 povos diferentes sendo, *Aweti*, *Ikpeng*, *Kaiabi*, *Kamaiura*, *Kuikuro*, *Kisedje*, *Matipu*, *Nafukua*, *Mehinaku*, *Trumai*, *Waura*, *Yawalapiti* e *Yudja*. São cerca de 8.000,00 (oito mil) pessoas, crianças, jovens e adultos. Cada povo com sua língua, cultura, crença e organização social. O Parque é rodeado por 10 municípios: Canarana, Feliz Natal, Gaúcha do Norte, Marcelândia, Nova Ubitatã, Peixoto de Azevedo, São Felix do Araguaia, São José do Xingu, Paranatinga e Querência.

Do ponto de vista da educação formal, os *Ikpeng* estão desenvolvendo vários projetos voltados a defesa da sua cultura ancestral de modo a garantir que as gerações vindouras assumam a identidade *Ikpeng* como referência de vida em comunidade. Nesse sentido, a escola está tendo a preocupação de conservar tudo o que estiver relacionado às práticas ancestrais *Ikpeng* ao tempo que não pode deixar de tematizar as questões próprias da sociedade não indígena.

É daí que surge a inquietação que, transformada em questão problema, confere o mote desta pesquisa, a saber, até que ponto o processo didático-pedagógico sustentado pela educação formal está dando conta de promover a valorização do conhecimento das práticas ancestrais *Ikpeng*? Isto posto, definiu-se como objetivo geral, buscar compreender as práticas didático-pedagógicas da escola indígena *Ikpeng* como necessariamente focalizadas no processo ensino aprendizagem que tematize as práticas socioculturais *Ikpeng* impressas na arte de confecção do *Panat* (tucum). E, por conseguinte, foram elencados como objetivos específicos, a busca por uma maior valorização das práticas tradicionais *Ikpeng*, e por via de consequência, promover a ampliação do conhecimento das crianças e jovens *Ikpeng* em idade escolar em contexto de convivência marcada por relações interpessoais.

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, cumpre ressaltar que em relação tanto aos dados históricos dos *Ikpeng*, bem como aos aspectos da sua tradição sociocultural, foram coletados a partir de entrevistas com anciões, destacadamente Aiope *Ikpeng* Ayre *Ikpeng* e Maiua Txicão. Foram feitos também estudos de escritos referendados por renomados estudiosos da questão indígena para consubstanciar as análises constantes nesta pesquisa, a saber, Baniwa (2006) e Magalhães (2011).

O trabalho vai servir para toda a comunidade da aldeia e principalmente a escola indígena *Ikpeng*, Escola Indígena Municipal *Ayré*. O trabalho tem a finalidade de mostra meu

esforço e coragem na minha graduação. Do ponto de vista particular, este trabalho contribuiu para aprimorar e aperfeiçoar o conhecimento sobre aspectos importantes da cultura Ikpeng.

CAPÍTULO I - HISTÓRIA DO POVO *IKPENG*

Na primeira seção deste capítulo tratamos de descrever o mito de origem do meu povo, os *Ikpeng*. Esse registro foi feito a partir de entrevistas com anciões bem como através de pesquisa bibliográfica feita anteriormente por parentes *Ikpeng*. Nas seções seguintes, será feito um estudo para melhor compreender a história do povo *Ikpeng* marcada por constantes migrações.

1.1 Mito de origem do povo *Ikpeng*

Para registrar o mito de origem dos *Ikpeng* recorreu-se a narrativa contada pelos anciões, Aiope *Ikpeng*, 60 anos, e dona Ayre *Ikpeng*, 75 anos. As conversas com ambos, aconteceu em suas respectivas residências a noite. Segundo esses historiadores tradicionais, na origem, os *Ikpeng* viviam nas entranhas da terra. Tinham forma de animais e utilizam frutas nativas como base de sua alimentação. Consumiam também muita mandioca.

Antes de entrar dentro da terra, os ancestrais *Ikpeng* fizeram uma grande festa no centro da aldeia. Homens, mulheres e as crianças seguravam casca de árvores nas mãos para dançar. Naquele tempo, os *Ikpeng* viviam tranquilos e em paz, além de desfrutar de muita fartura de alimentos!

Mas acontece que nem todos os grupos entraram de baixo da superfície da Terra. Os grupos que sobraram se transformaram em pássaros como jacu, pomba e tucano. Logo depois, chegaram duas irmãs que foram caçar, quando voltaram da caçada chegaram próximo à aldeia e não ouviram nenhum barulho das pessoas. Entraram na casa não tinha ninguém! Começaram a rodear em volta da casa procurando as pessoas, mas não encontraram ninguém. Elas não sabiam pra onde tinham ido as pessoas da aldeia. Ficaram na aldeia algum tempo e se alimentavam com beiju e mingau feitos de mandioca ralada.

As duas irmãs resolveram ir para a roça buscar mandioca para fazer polvilho para se alimentarem. Quando voltaram, a irmã mais nova Kureko resolveu ir ao rio tirar a sujeira do *tipiti* para colocar massa de mandioca. Quando chegou no rio subiu na ponte, olhou no fundo do rio e viu o peixe sagrado Tomuko. Ela resolveu voltar para casa, pegar a flecha para matá-lo. Quando chegou em casa a irmã perguntou o que estava acontecendo. Ela disse que havia o peixe no fundo do rio.

Retornou ao rio e começou a atirar a flecha, mas o peixe pediu encarecidamente para ela não fazer aquilo! Em retribuição ele iria contar onde estavam as famílias. Assim o peixe não foi morto. O Tomuko pediu para Kureko mergulhar no fundo do rio. Kureko mergulhou no fundo do rio e entrou embaixo da superfície da Terra. Ao observar o formato da aldeia, constatou que era igualzinha à aldeia existente na superfície da Terra. As pessoas reconheceram ela e contaram para a sua mãe. Ela começou a chegar mais próxima da mãe para cumprimentá-la. A mãe disse para ela que a sua irmã tinha sofrido uma transformação e tinha “virado” homem. Após tal transformação estava conseguindo matar os animais como anta, veado, porco, etc.

A mãe pediu para Kureko se esconder no canto da casa e se cobrir com lenha para a irmã não descobrir e matar ela. Após a caçada, a irmã voltou para casa e falou para a mãe que estava sentindo cheiro de outra pessoa. A mãe lhe respondeu que não havia ninguém. Conformada com a resposta dada pela mãe, a irmã foi tomar banho. Nisso Kureko saiu de baixo do monte de lenha e foi solicitar orientação a sua mãe.

A mãe orientou Kureko a oferecer à sua irmã amendoim, semente de algodão e cabelo. Também ensinou as técnicas de derrubada de árvores para preparar a madeira de qualidade para fazer uma casa em forma de círculo. Para suprir as necessidades com a alimentação, ela ensinou as técnicas de caça. Por fim, lembrou que não se deve ficar por muito tempo no mato caçando, deve-se ficar lá alguns dias e depois retornar à aldeia.

Após receber tais orientações Kureko foi dar um mergulho no rio. Nesse interim, sua irmã havia retornado e estava aguardando-a na casa. Assim que Kureko retornou do rio, sua irmã perguntou o que estava fazendo, pois havia demorado muito. Após breve momento de hesitação, Kureko revelou a sua irmã que a mãe delas estava no fundo da Terra, juntamente com todas as pessoas que um dia haviam vivido aqui na Terra. Então Kureko começou a contar o que a mãe lhe ensinou:

- A mãe pediu para nós limparmos o lugar dos troncos das árvores para nós derrubar e começar a fincar no centro e naquele lugar que limpamos. Ela pediu para nós derrubarmos qualquer tipo de árvore como buritizal, pindaíba, loro, etc.

Então Kureko e a irmã começaram a derrubar a madeira e fincar em forma de círculo. Quando terminaram elas saíram para caçar. Durante a caçada os troncos se transformaram em seres humanos.

No dia seguinte a irmã pediu a Kureko para ir buscar beiju para comer, pois estava com fome. Ao se aproximar da aldeia ela viu a estrada limpa e com muitas coisas como árvores derrubadas para tirar mel, palha de tucum, embira e pena dos animais. Mais adiante, Kureko se

deparou com rastros de pessoas. Continuou andando e começou a ouvir gritos de pessoas que saíam de dentro de suas casas que haviam construído. E quando chegou no centro da aldeia, as pessoas reconheceram *Kureko* e foram correndo avisar a sua mãe sobre o retorno da filha. A mãe a cumprimentou e *Kureko* lhe contou que o alimento havia acabado e que ela havia ido até a casa buscar beiju. Então a mãe começou a fazer beiju para levar para a irmã que havia ficado no mato. *Kureko* lhe disse:

- Nossa mãe está lá juntamente com todas as pessoas que apareceram novamente.

Então a irmã ficou alegre e curiosa para ver a mãe. Depois de dois dias elas chegaram da caçada trazendo uma quantidade muito grande de animais. A mãe delas começou a dividir os animais com as outras pessoas.

Assim, em conformidade com o mito de origem, os *Ikpeng* surgiram do fundo do rio.

1.2 História do povo *Ikpeng*: trajetória marcada por constantes lutas

Os *Ikpeng*, ancestralmente denominados *Txicão*, são falantes de língua materna da família linguística Kaiabi.

Originários do Amazonas (*Pule*), fizeram uma trajetória muito grande, desde tempos imemoriais até os dias de hoje. Os anciãos contam que em tempos pretéritos os *Ikpeng* eram nômades. Seus antepassados migravam constantemente em busca de lugares com mais disponibilidade de produtos naturais necessários à alimentação do seu povo, produtos nativos para a confecção de artesanatos, ou até mesmo em função de disputas territoriais com outros povos.

Ainda de acordo com o relato dos anciãos, seguiram o itinerário dos rios Tapajós em terras amazonenses, passando pelos rios Iriri e Teles Pires até chegar finalmente em terras mato-grossenses. Magalhães (2011, 16) segue nesta mesma linha, ao afirmar que há pesquisadores(as) que sustentam que os *Ikpeng*, no decorrer dos séculos 19 e 20, ocuparam vastos territórios que se estendiam do rio Iriri ao Alto Xingu.

Nesta longa jornada, tiveram que enfrentar obstáculos de toda a ordem. Em primeiro lugar, os *Ikpeng* se depararam com os perigos impostos pela própria natureza, tais como atravessar terrenos íngremes, enfrentar a ferocidade dos animais selvagens. E ao encontrar com outros povos indígenas, as guerras eram inevitáveis. Assim, muitos *Ikpeng* perderam a vida nesta trajetória.

É importante ressaltar que esse contato com povos indígenas diferentes proporcionou aos *Ikpeng* muitas coisas boas, pois sabemos que cada povo tem sua língua, cultura, crença e organização social próprias e, em situação de contato acaba por exercer influências inevitáveis no modo de vida de outros povos. Foi por conta deste contato, relatam os anciãos, que os *Ikpeng* aprenderam a arte da tecelagem, que se tornou em uma prática cultural incorporada ao seu modo de vida.

Por serem naturalmente destemidos, atacavam com frequência as aldeias de outros povos para roubar panelas de cerâmica e outros utensílios e raptar crianças.

Como descrito acima, os *Ikpeng* vivenciaram uma longa e sofrida trajetória até virem a se estabelecer no território localizado na parte sudoeste da Terra Indígena Xingu, estado de Mato Grosso. As constantes migrações que os antepassados *Ikpeng* fizeram, segundo o relato dos anciãos, tiveram como referência dos deslocamentos o percurso dos rios Batovi, Jatobá (*Rapyo Akpo*) e o rio Ronuro (*Roro Walu*). Foram frequentes os encontros (guerras) com outros povos indígenas, tais como os *Waura*, *Mehinaku*, *Nafukua*, *Trumai* e *Bakairi*, que habitavam o sul da Terra Indígena Xingu - TIX.

Ainda em conformidade com o relato dos anciãos, foi lá pelos meados da década de 1950 que aconteceu uma das últimas e definitivas guerras contra os *Waura*. Nesta contenda foram raptadas duas crianças, Kamiru *Waura* e Txialu *Waura*. Em represália pelas agressões sofridas, os *Waura* retrucaram com armas de fogo obtidas de um aventureiro. Doze *Ikpeng* foram mortos. O objetivo do ataque dos *Waura* consistia no resgate das duas garotas. Porém, os *Waura* não conseguiram lograr êxito em seu intento. As meninas se integraram definitivamente aos *Ikpeng*. Magalhães (2011, p.14) lembra que:

O antropólogo francês Patrick Menget, um dos primeiros a estudar os *Ikpeng*, explica em livros e relatos que, além de sofrerem com as doenças “brancas”, responsáveis por dizimar metade de sua população, eles também foram duramente atacados por índios, inimigos especialmente os *Waura*. E aí está uma característica dessa cultura: a guerra.

Algum tempo depois, uma epidemia de gripe e de sarampo de grandes proporções dizimou praticamente a metade da população *Ikpeng*. Em seus relatos, os anciãos dizem que esta tragédia foi provocada pelo contato com inimigos e invasores do seu território, a saber, garimpeiros e aventureiros que passavam por terras *Ikpeng* e estabeleciam contato com este povo.

No ano de 1952, houve a primeira tentativa de estabelecer um contato mais duradouro entre a sociedade envolvente e os *Ikpeng*. Os responsáveis por isso foram os irmãos Villas Boas.

Em sua incursão ao território Ikpeng, os Villas Boas contaram com a importante ajuda de dois índios *Juruna*. Para evitar um confronto direto, pois sabiam que os *Ikpeng* tinham a fama de povos guerreiros, os Villas Boas penetraram em seu território sorrateiramente. Isto provocou uma enorme confusão, obrigando-os a se retirarem sem conseguir lograr o êxito almejado, ou seja, estabelecer um contato definitivo. Porém, a resistência Ikpeng durou somente até o ano de 1964. Naquele ano, os Villas Boas finalmente conseguiram estabelecer o contato definitivo tão almejado. Os anciãos relatam que a estratégia foi igual a utilizada com outros povos indígenas, a saber, para demonstrar suas pretensas intenções pacíficas e harmoniosas os Villas Boas trouxeram muitos presentes e agrados.

Em 1967, em função de um conflito iminente com os garimpeiros que viviam fazendo constantes incursões ao território Ikpeng em busca de ouro e outros metais preciosos, suas lideranças tomaram a decisão de mudar para a Terra Indígena do Xingu, então denominado Parque Indígena do Xingu. Magalhães (2011, p.16) corrobora com essas informações ao afirmar que os *Ikpeng*:

Em 1967, foram exilados no Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso. Ameaçados pela invasão de garimpeiros, deixaram o território que ocupavam à beira do rio Jatobá, a sudoeste do Parque mas fora dos seus limites, e se deixaram levar pelos irmãos Claudio e Orlando Vilas Bôas para dentro da maior terra indígena demarcada na época. A etnia já vinha sofrendo muitas perdas. Contavam então pouco mais de 50 indivíduos, a maioria fraca e doente.

As lideranças Ikpeng temiam represálias por parte dos seus inimigos do passado! Porém, a chegada ao Posto Leonardo Villas Boas, no Alto Xingu, aconteceu em um clima de absoluta tranquilidade e de modo bem pacífico, contam os anciãos. Isso porque, a chegada foi precedida de intenso trabalho de persuasão, por parte dos Irmãos Villas Boas, para que os *Ikpeng* fossem recebidos de maneira amistosa pelos seus ex-inimigos. E assim de fato aconteceu, os Ikpeng foram recebidos harmonicamente por centenas de alto-xinguanos.

Quando mudaram para o Alto Xingu, havia uma população de aproximadamente 56 pessoas, entre crianças, adultos e idosos Ikpeng. A adaptação ao novo habitat foi difícil, pois dependiam, pelo menos na fase inicial, do auxílio de outras tribos para a obtenção de alimentos, devido ao lugar ser totalmente desconhecido.

Passaram a habitar as terras localizadas nas proximidades do Posto Leonardo. Os anciãos relatam, que a partir desse momento, os *Ikpeng* passaram a receber o apoio mais direto do administrador da FUNAI responsável pela Terra Indígena do Xingu. Começaram a abrir as roças com vistas a obter os alimentos indispensáveis a sua sobrevivência.

Os anos se passaram, e os *Ikpeng* começaram a receber muita pressão dos outros povos indígenas habitantes daquelas terras. Por conta disso, a FUNAI os fez mais uma vez mudar. Então mudaram para os arredores do Posto Indígena *Pavuru*. Contavam com aproximadamente 67 pessoas Ikpeng e isso aconteceu em meados da década de 1970.

Atualmente continuam instalados no Posto Indígena *Pavuru*. Os Ikpeng contam hoje com uma população de aproximadamente 406 pessoas, distribuídas entre o Posto da FUNAI e duas aldeias: *Moygu*, a principal e mais populosa e *Tupara* que fica localizada na margem esquerda do rio *Roro Walu* (Rio Ronuro).

Figura 1- Posto Indígena *Pavuru*



Fonte: Prof. Maiua Txicão

Transcorridos aproximadamente 56 anos de contato, sendo 31 anos morando na aldeia *Moygu* e no Posto Indígena *Pavuru*/Médio Xingu, finalmente os *Ikpeng* conseguiram se organizar e viver em liberdade e harmonia. O grande desafio que estão enfrentando atualmente

consiste em promover cada vez mais a valorização da sua cultura, crenças, festas, língua e o mito de origem.

1.3 Estrutura social Ikpeng

Atualmente os Ikpeng estão organizados socialmente da seguinte forma:

- um cacique (*gwepru* ou *ugume*), que organiza e orienta a comunidade, lideranças que são seus conselheiros e um líder (*taramagem*) da turma de trabalhadores.
- um coordenador (*gwerem*) do Movimento dos Jovens Ikpeng-MJI.
- um chefe de Posto da FUNAI e quatro funcionários da FUNAI para serviços gerais.
- um coordenador indígena de saúde, um coordenador indígena substituto de saúde, uma equipe de sete pessoas de apoio à saúde, um auxiliar indígena de enfermagem, seis agentes indígenas de saúde, um agente indígena de saúde bucal, um agente indígena de saneamento, uma estagiária indígena.
- três agentes indígenas de manejo.
- uma equipe de cinco *vídeos-maker* indígenas: três formados e dois em formação, dois técnicos de áudio.
- seis membros da Associação *Moygu* onde têm vários artesanatos para vender.
- uma equipe de sete jovens de apoio para a casa cultural *Mawo Ewri* (em construção).
- um diretor indígena da escola e uma equipe de doze professores indígenas.

Recentemente foi criada a aldeia *Rawo*, que está organizada em círculo, contendo 5 casas de alvenaria, duas casas-escolas como são denominadas e a casa de conselho e o campo de futebol bem no centro da aldeia. São aproximadamente 42 pessoas que moram na referida aldeia. Do ponto de vista político-social os *Ikpeng* são liderados por um cacique e seus conselheiros, composto de anciões, pajés, cantores, artesãos, três representantes dos professores, dois voluntários e um contratado pelo município, dois agentes indígena de saúde um contratado outro e voluntário. A aldeia conta ainda com um Posto da FUNAI, atualmente

chamamos de CTL (Coordenação Técnica Local), que se distancia 4 horas de viagem em relação a aldeia *Rawo*.

Existem, nesta aldeia, aproximadamente 22 casas tradicionais que são cobertas de sapé, onde a maioria delas é construída de modelos arquitetônicos do Baixo Xingu dos *Kaiabi*, uma casa construída com arquitetura tradicional Ikpeng.

CAPITULO II - OS IKPENG E A EDUCAÇÃO

Este capítulo se constitui de uma reflexão a respeito da presença da escola na aldeia *Rawo*. A modalidade de educação disponibilizada às crianças e jovens Ikpeng têm de se pautar nos princípios da educação indígena específica e diferenciada. O que equivale dizer, estruturar o processo ensino aprendido em acordo com as atividades práticas próprias tradição sociocultural milenar do povo *Ikpeng*.

2.1 Presença da escola na aldeia *Rawo*: qual educação é desejada pelos *Ikpeng*?

No ano de 2011 algumas famílias Ikpeng, em busca de novos espaços que dessem conta de oportunizar possibilidades mais amplas de suprir suas necessidades em termos de alimentação, resolveram mudar para uma nova aldeia. Assim, começa a história da aldeia *Rawo*.

E para dar conta de oportunizar estudos formais às crianças e jovens em idade escolar, foi criada uma sala anexa à Escola Indígena Municipal *Tupara*, município de Nova Uiratã-MT.

Em 2013, porém, graças a sensibilização das autoridades municipais de Paranatinga-MT, a educação escolar ganha um grande impulso mediante a autorização para a criação da Escola Indígena Municipal *Ayré*, que passou a funcionar como escola anexa à Escola Municipal de 1º Grau Euzébio de Queiroz. Assim, a presença da escola entre os *Ikpeng* moradores da aldeia *Rawo* se transformou em realidade.

A Escola Municipal Indígena *Ayré* tem aproximadamente 22 alunos matriculados, entre crianças, jovens e adultos, divididos por série, sendo 9 alunos no ensino fundamental e 13 nas séries iniciais. As diferentes séries são distribuídas em dois períodos, com horários de aula compreendidos entre as 7:00 horas e as 11:00 horas da manhã, e das 14: 00 horas às 18: 00 horas.

O passo seguinte consistiu na busca pela definição de um modelo de educação que cumprisse o papel de oportunizar autonomia e autodeterminação aos *Ikpeng* a partir das premissas de respeito e valorização das suas características identitárias.

2.2 O que queremos da Escola

A rigor, como nos lembra Baniwa (2006, p.40), a modalidade de escola desejada/requerida pelos indígenas centra-se no princípio basilar de respeito à identidade ameríndia.

Para o referido autor, constitui falso dilema, a questão do querer o não a presença da escola, este artefato inventado pela modernidade judaico-cristã ocidental! A questão que realmente importa consiste em conceber uma educação focada na autonomia do sujeito, pois assim ele estará preparado para compreender que:

Entrar e fazer parte da modernidade não significa abdicar de sua origem nem de suas tradições e modos de vida próprios, mas de uma interação consciente com outras culturas que leve à valorização de si mesmo. Para os jovens indígenas, não é possível viver a modernidade sem uma referência identitária, já que permaneceria o vazio interior diante da vida frenética aparentemente homogeneizadora e globalizada, mas na qual subjazem profundas contradições, como das identidades individuais e coletivas. (BANIWA, 2006, p.40).

Nesse sentido o que importa mesmo, no contexto da educação formal oportunizada pela Escola Indígena Municipal Ayré, é questionar se efetivamente a referida escola está *“preparando os jovens para que possam fazer as próprias opções”*, conforme preceitua o seu PPP- Projeto Político Pedagógico. De modo que, *“sair ou não da Terra Indígena Xingu, caso sejam encaminhados para algum trabalho que traga benefício para a própria comunidade, a exemplo do que vem acontecendo com a área de saúde hoje e o vestibular da Unemat ou outros cursos nas áreas de agronomia e ambiental”*, requer a sempre necessária anuência da comunidade, sequenciando ainda o que está disposto no referido PPP.

Os jovens precisam estar preparados para o que vier a acontecer. A sociedade está se transformando, tanto por rompimento de regras como por misturas étnicas decorrentes de casamentos com outros povos, muitas consequências ocorrem a partir disso. Voltar-se para os conhecimentos da própria sociedade e refletir sobre isso na escola é prepará-los tanto para o contexto de vivência dentro, quanto para o contexto de vivência de fora da aldeia.

Alguns jovens têm a expectativa de se formar para ter um emprego e até a possibilidade de trabalhar na cidade, mas também têm os que questionam sobre o futuro e acreditam que não vão sair para a cidade, vão ficar para pescar, dançar e se manterem dentro da cultura Ikpeng.

A escola deve respeitar o calendário de atividades tradicionais (roça, coleta, festa) que vai de maio até agosto. Também é o cacique e a comunidade que devem liderar essas atividades. Por isso deve ter sempre reuniões dos professores com representantes do *Kwak Kwak Txiktxi* (Movimento Jovem Ikpeng) e com a comunidade para refletirem juntos sobre a escola.

A escola Ikpeng deve acompanhar o ritmo diário da vida do povo *Ikpeng* e, de acordo com a orientação dos mais velhos, ela deve ensinar aos jovens primeiro a prática dos afazeres diários, que são acima de tudo a forma de ensinar e aprender, segundo a tradição passada de pais para filhos, de avós para netos.

Isso significa dizer que a escola não deve restringir o processo ensino aprendizagem na habilidade da escrita. Por exemplo, escrever os nomes dos animais e de outras coisas como *txintat* (embira), *inat* (timbó), sem trabalhar na prática. É importante saber como cortar o timbó, como amarrar a embira. Os jovens devem acompanhar os mais velhos para aprender como se faz, cortar o timbó e amarrar, para depois voltar para a atividade da escrita. Tem muitas coisas que os jovens têm que aprender a fazer, *motopa* (cesto), *pirom* (flecha), *aki* (dente de cutia, para colocar a ponta da flecha), *talingo* (bolsa), *poromta*, *mïy* (armadilha), *pango* (armadilha), *taworemït* (armadilha).

CAPÍTULO III - ARTE DE TRANSFORMAR PANAT EM PATXI

Para registrar a história do *Panat* (Tucum) utilizei a entrevista com os anciãos Ayre Ikpeng e Aiope Ikpeng. A entrevista foi feita primeiramente em Língua Materna, e posteriormente, foi feita a versão para a Língua Portuguesa. Para fazer as anotações, utilizei os seguintes materiais: caderno, caneta, lápis borracha e prancheta. Inicialmente, foi marcado o dia e a hora mais conveniente para que o trabalho pudesse ser realizado visando lograr o êxito almejado.

3.1 Origem do *Panat*

Segundo o ancião Ayre Ikpeng, quem mostrou o *Panat* para o povo *Ikpeng*, foi *Autxare*, que é o espírito do mato dono do *Panat*. Em tempos imemoriais, o pajé saiu para caçar no mato e encontrou o dono do *Panat* (Tucum) sentado tirando o broto de Tucum. O pajé foi se aproximando do Espírito do Mato para ver o que ele estava fazendo. Quando chegou perto o pajé perguntou para dono do *Panat*:

- O que você está fazendo?

O *Autxare* respondeu ao pajé:

- Eu estou fazendo a rede de pesca para mim.

Aí eles tiveram um diálogo entre eles, e o dono do *Panat* começou a mostrar para o pajé como preparar o Tucum. Explicou o que deve fazer o que não pode fazer. Então o pajé aprendeu com dono do *Panat* como deve ser preparado a *Patxi*. O dono do *Panat* também mostrou o que estava pronto, que estava em cima do jirau para ele usar. O pajé gostou muito da rede de pesca (*Patxi*) que ele nunca tinha visto na vida dele. Quando o pajé voltou para casa, contou para a esposa que ele encontrou com Espírito do Mato que é dono do *Panat* (Tucum). Ele começou contar tudo que *Autxare* falou para ele. A esposa do pajé se interessou e ficou curiosa para ver como é a rede de pesca.

No dia seguinte eles resolveram tirar Tucum (*Panat*), saíram bem cedo para o mato tirar o *Panat*. Quando chegaram ao local do *Panat* começaram a tirar, o pajé explicou a esposa como tirar *Panat*. Então começaram a tirar o broto de Tucum (*Panat*), quando acabaram de tirar eles retornaram para casa. O pajé começou a ensinar a esposa como tirar fibra de *Panat*. Quando ela aprendeu, começaram tirar juntos. Assim eles tiraram a fibra de *Panat* até terminarem. Daí a esposa do pajé começou a fazer a rede de pesca com a orientação do marido, até concluir todo

o trabalho. Depois o marido foi ao mato cortar vara para preparar. Assim que a rede ficou pronta para usar, todo mundo foi ver a rede de pesca a perguntaram ao pajé quem havia lhe ensinado. Ele começou a contar e todo mundo começou a aprender com pajé. Assim, todo o povo *Ikpeng* aprendeu a fazer a rede de pesca *Patxi*. Até hoje nós utilizamos essa rede de pesca feita de fibra de Tucum *Panat*.

3.2 Descrição do Tucum *Panat*

O Tucum (*Panat*) é uma palmeira nativa do mato que tem seu tronco cheio de espinhos bem fininhos e folhas verdes. A altura é de aproximadamente de um a dois metros e o comprimento da folha é de aproximadamente um metro e meio. O Tucum se desenvolve em qualquer lugar do mato. Esta palmeira também dá a fruta na época certa e é um coquinho, na verdade uns cachos de coquinhos. A fruta vermelha e redonda serve também para fazer colar, a gente aproveita tudo do *Panat*. A raiz atinge uma pequena profundidade, parece a raiz de coqueiro. Quando o *Panat* começa a brotar, as folhas antigas caem ao chão, assim essa planta troca as folhas para continuar o seu processo de desenvolvimento. Muitos animais se alimentam do broto como macaco e esquilo. Outros tantos se alimentam dos frutos, como a anta, a cutia, a paca e o rato.

3.3 Como fazer a coleta do *Panat*

Para buscar o *Panat* é planejar primeiro que dia você pode ir para o mato tirar as folhas de Tucum. Para colher esse material é preciso levar facão ou faca bem afiados. Há ocasiões em que a coleta de folha do *Panat* é feita de modo coletivo, em outros momentos a colheita é feita individualmente. Antes de sair por mato é preciso preparar o beiju e o mingau bem cedo para levar junto para fazer as refeições. O tempo de chegada vai depender da distância do mato, quando o mato for mais próximo da aldeia chega-se cedo ao local, se for mais distante pode demorar 10 (dez) ou 11 (onze) horas para chegar ao local.

Ao chegar ao local, antes de iniciar a colheita das folhas de *Panat* é necessário preparar a vara para puxar e tirar o broto do *Panat*. Devem ser utilizadas varas grossas para puxar e baixar o broto de *Panat*. É muito difícil para colher esse material por conta dos espinhos finos e pontiagudos. O broto do *Panat* não pode ser cortado, senão no próximo ano não haverá como

realizar a colheita. Então a maneira correta de colher o broto de Tucum consiste em puxar com vara para colher. Para fazer esse tralho, tem de ser bem de devagarinho para não secar o broto do *Panat*. Não pode colher aquelas brotos que estão com as folhas secas e machucadas porque não vai servir para tirar a fibra. Dependendo da quantidade de folhas de broto que forem colhidas terá que fazer duas ou três viagens para transportar até a aldeia. Para amarrar bem o feixe de folhas de broto de *Panat* é utilizada embira de *eratxewi* (fibra feita com casca de uma planta).

Ao chegar à aldeia com os feixes tem de cobrir bem todas as folhas senão vai secar e não vai prestar para tirar a fibra. Por isso tem de deixar em um lugar bem seco, pois se deixar em um lugar úmido os brotos apodrecem e não servirão para tirar a fibra.

Os *Ikpeng* têm uma relação de profundo respeito com o *Panat*! Não promovem derrubadas sem necessidade sob pena de causar problemas de saúde na família, ou à própria pessoa que promove a derrubada desnecessária. O espírito desse recurso natural é muito forte para nós, *Ikpeng*, por isso não devemos tirar sem necessidade. Não pode tirar *Panat* quando a esposa está gestante porque é muito perigoso na medida que pode causar problema de saúde na criança, podendo inclusive causar o aborto. A mulher também não pode tirar broto do *Panat*, quando esta gestante e com filho recém-nascido, esse material é muito perigoso até pode causar problema de saúde na criança, podendo inclusive causar a morte. Também não podemos mexer com as frutas do *Panat* quando tem recém-nascido. A maioria do povo *Ikpeng* mantém viva essa tradição milenar. As pessoas não podem tomar chá de tucum sem ter nada e sem a orientação do raizeiro senão corre o risco de morrer intoxicado!

3.4 Preparação da rede de pesca *Patxi*

Nós chamamos de *Patxi* a rede quando está pronta para pescar. Quando não está pronta ainda chamamos de *Panat*, essa palavra diferencia o produto que ainda não está feito.

Para preparar a *Patxi*, a primeira coisa que a mulher pode fazer consiste em tirar a fibra de Tucum. Depois que ela termina de tirar a fibra ela deixa fora em cima do jirau para secar e ficar com uma coloração branca. Depois que a mulher termina de tirar a fibra, começa a trançar o fio de Tucum. Quando a mulher termina de trançar, ela pode começar a fazer a rede de pesca.

Nós, povo *Ikpeng*, vimos ao longo do tempo utilizando a rede de pesca para garantir o nosso sustento. Nos também utilizamos para colocar algumas sementes de produtos da roça, quando tem bastante tempo de uso como, amendoim e também juraram fritos. Se alguém da

família adoecer, quando for chamar o pajé ou raizeiro para curar, precisa pagar com uma *Patxi*. A gente também utiliza como moeda de troca com outras pessoas como, por exemplo, quando alguém quer o *Patxi* pode pedir em troca algum objeto valioso como rede de dormir, panela de alumínio, ou algum produto da própria comunidade, tais como panela de barro, tacho de cerâmica, etc.

Por isso, nós *Ikpeng*, não fazemos *Patxi* de graça para qualquer pessoa! Em ocasiões muito especiais fazemos *Patxi* de graça só para seus familiares mais próximos como genro, filho, sogro, sogra, cunhado e cunhada. Não podemos arrumar para qualquer pessoa porque para colher material é muito longe, as vezes você passa fome, machuca o dedo com espinho, leva picada de cobra, marimbondo, as vezes também a onça ataca você. Pensado nesse trabalho nós cuidamos muito da rede de pesca *Patxi*. A mulher também cansa para tirar fibra de tucum e machuca o dedo para fazer a rede de pesca. A *Patxi* tem três tamanhos, grande, média e pequena para o uso dos jovens e adultos, as crianças usam somente a *Patxi* pequena.

Nós *Ikpeng* utilizamos a *Patxi* da seguinte forma: você sai para o mato corta as varas, depois são colocadas em forma de círculo, assim que você terminar, traz para casa, depois a mulher começa a preparar a rede de pesca. Assim que fica pronto já pode começar a usar para pegar o peixe. Nós utilizamos *Patxi* quando batemos timbó para pegar o peixe. Usamos *Patxi* também na época da piracema, a gente pega peixes de vários tamanhos. Cada pessoa fica com a sua, ninguém empresta *Patxi* para outra pessoa. A gente também usa *Patxi* para colocar tanajura moqueada e amendoim para secar. Assim, usamos a *Patxi* para garantir o nosso sustento.

A rede de pesca *Patxi* demora para estragar! Às vezes leva até quatro ou cinco anos para estragar. *Patxi* também tem como emendar quando aparece um rasgado. Quando começa a rasgar tem que pedir à mulher que entende para remendar para usar novamente.

Somente nós *Ikpeng* dominamos a técnica de confecção do *Panat*, que resulta na rede de pesca denominada *Patxi*. Muitas pessoas de outros povos nos procuram para trocar a *Patxi* por outro objeto. Também vendemos para os próprios indígenas, ou até mesmo para os não indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso que servirá para as futuras gerações de alunos Ikpeng. Vai ser utilizado também fora de sala de aula. A pesquisa é fundamental para quem vir depois de nós. Todos os resultados do trabalho vão ajudar a minha comunidade. Esse trabalho, não vai ficar guardado somente para os docentes, vai ser utilizado para todas as comunidades e a escola do povo *Ikpeng*. A pesquisa aqui realizada trata de um aspecto importante da nossa identidade cultural.

Os jovens indígenas precisam estar preparados para o que vier a acontecer futuramente e que afetará não somente as suas histórias de vida, mas fundamentalmente a vida da comunidade. A sociedade Ikpeng está passando por processos cada vez mais acelerados de rupturas, tanto em nível de regras internas e externas como por conta das misturas inter étnicas decorrentes de casamentos com outros povos. Daí que muitas consequências ocorrem a partir disso. Voltar-se para os conhecimentos da própria sociedade e refletir sobre isso na escola é prepará-los tanto para um contexto de formação das suas tradições socioculturais, quanto para o complexo e movediço contexto vivido fora do pátio da aldeia.

Predomina hoje entre os jovens estudantes Ikpeng concepções favoráveis a uma escola que os prepare para a obtenção de conhecimentos que os ajudem a refletir sobre a escravização do dinheiro e das mudanças nas relações inter étnicas. Se há jovens que têm a expectativa de se formar para ter um emprego e até a possibilidade de trabalhar na cidade, também há os que se questionam sobre o futuro e acreditam que não precisam trocar aldeia pela cidade. Estes manifestam o desejo de ficar morando na aldeia para pescar, dançar e se manterem firmes em uma perspectiva de vida em conformidade com as tradições socioculturais Ikpeng.

O processo ensino aprendido não pode focar tão somente a habilidade da leitura pela leitura ou da escrita pela escrita. Por exemplo, a escrita dos nomes dos animais e de outras coisas como *txintat* (embira), *inat* (timbó), tem de ser sucedida com demonstrações práticas. Nesse sentido, as crianças e jovens Ikpeng tem de aprender a cortar o timbó, a amarrar a embira, como colher os brotos de *Panat*. As crianças e jovens aprendem estas atividades práticas todas observando atentamente o modo de fazer dos mais velhos. Assim, depois de observar na prática, os alunos voltam para a sala de aula para as atividades de elaboração textual. Tem muitas coisas que os jovens têm que aprender a fazer, *motopa* (cesto), *pïrom* (flecha), *aki* (dente de cutia, para colocar a ponta da flecha), *talíngo* (bolsa), *poromta*, *mïy* (armadilha), *pango* (armadilha), *taworemït* (armadilha) e *Patxi* (rede de pesca) foco de análise desta minha pesquisa.

REFERÊNCIAS

BANAWA, Santos dos L. Gersem. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, LACED/Museu Nacional, 2006.

MAGALHÃES, Júlia. Guerreiros da Paz: no Parque do Xingu, um dos mais importantes territórios indígenas do Brasil, os Ikpeng buscam na memória cultural sua identidade étnica. In: **Índio: História, Cultura e Política**. PERES, Christiane; MAGALHÃES, Júlia. Brasília: Ministério da Cultura- Minc, 2011, ano 1, vol. 2, ISSN 2236-2045. Disponível em <https://revistaindio.files.wordpress.com/2011/05/revista-indio-2c2aa-edic3a7c3a3o11.pdf>. Acesso em 02/04/2016

PPP- **Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Municipal Ayre**.

CONSULTORES NATIVOS

Aiope Ikpeng.

Ayre Ikpeng.